



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA - CIAC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

EDIVAM ALVES DO NASCIMENTO

**DA MORAL DO RESSENTIDO À TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES EM
NIETZSCHE**

Campina Grande - PB

2016

EDIVAM ALVES DO NASCIMENTO

**DA MORAL DO RESENTIDO À TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES EM
NIETZSCHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting

Campina Grande – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244m Nascimento, Edivam Alves do
Da moral do ressentido à transvaloração dos valores em
Nietzsche [manuscrito] / Edivam Alves do Nascimento. - 2016.
20 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, Departamento
de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Moral nobre. 2. Ressentimento. 3. Superação. I. Título.
21. ed. CDD 170

EDIVAM ALVES DO NASCIMENTO

**Da moral do ressentido à transvaloração dos valores em
Nietzsche**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 16/05/2016.


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. José Milton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador

Dedico aos meus familiares, em especial a minha mãe por sua dedicação e por sempre acreditar no meu potencial, aos meus professores, por se dedicarem a nos fornecer o conhecimento independente das circunstâncias, aos meus colegas de sala e meus amigos que contribuíram com o companheirismo durante toda essa jornada.

AGRADECIMENTOS

Aos docentes do Curso de Filosofia, por se dedicarem a me passar o conhecimento e assim, me instruir para a vida.

Aos meus familiares, que acreditaram na minha capacidade e no meu potencial e que juntos comigo souberam por tanto tempo passar pelas mais diversas situações de vida.

À minha mãe Maria de Lourdes Alves Pereira, por me proporcionar o dom da vida e por sempre estar presente apostando nas minhas escolhas e torcendo por minhas conquistas.

Aos colegas de classe por toda a jornada vivida juntos e por todos os momentos felizes que passamos juntos.

Ao professor Dr: Júlio Cesar Kesting por ter me apoiado em toda a jornada, por ter paciência de me orientar e por me servir de inspiração através da sua forma de ensino.

Foge para tua solidão! Viveste demasiadamente próximo aos pequenos e miseráveis. Foge da sua invisível vingança! Em relação a ti, eles não são outra coisa senão vingança.

(Nietzsche, Assim falou Zaratustra)

DA MORAL DO RESENTIDO À TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES EM NIETZSCHE

Edivam Alves do Nascimento¹

RESUMO

O presente trabalho, teve como fonte de inspiração a obra a *Genealogia da moral* de Nietzsche, nele pretendemos mostrar de que forma, surgiram os valores morais e como esses valores, que defendiam a força e a vitalidade, foram invertidos através do cristianismo e, assim, passaram a imperar os valores de fraqueza. O trabalho também mostra a solução que o filósofo apresenta para superar esses valores que enaltecem a fraqueza. Com o uso da noção de transvaloração dos valores mostraremos que é possível superar os valores que desvalorizam a vida. O filósofo almeja enaltecer a vida e a si próprio, superando, desse modo, a tendência ao niilismo.

Palavras-chave: Moral nobre, Ressentimento, Superação.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva, demonstrar o processo de nascimento e transformação dos valores morais. Através da análise feita por Nietzsche demonstra-se-à que os valores tiveram seu surgimento e, posteriormente, uma transformação. Usando como base a primeira dissertação da obra *Genealogia da moral* é possível notar que os valores morais surgiram na Grécia antiga com a aristocracia. Na Grécia antiga os guerreiros enalteciam a força, a vitalidade e a riqueza e, dessa maneira, o valor de bom era atribuído para o que detinha o poder. Através do cristianismo o filósofo Nietzsche percebeu que o valor bom foi invertido por aqueles que são fracos. Mediante o advento do cristianismo, brotou a vontade de vingança e, assim, aqueles que eram mais fracos

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
Email: dalessandro.hermano@hotmail.com

que os aristocratas, se vingaram dos fortes por meio de uma vingança espiritual. O filósofo percebe que os fracos, por não deterem o mesmo poder que os aristocratas, pretendem vencer os mesmos utilizando-se do ressentimento. Logo, por meio de uma moral do ressentido, os fracos irão defender os valores que negam a vida e, conseqüentemente, enaltecendo a fraqueza.

No cristianismo esse mundo será negado em nome de outro e, desta forma, os fracos pretendem nesse outro mundo vingar-se dos fortes. Porém, para Nietzsche, os valores que são defendidos pelos fracos, são valores negativos e niilistas pois negam a vida. O filósofo, através de sua genealogia, pretende encontrar uma alternativa para que o niilismo não vença. Logo, apresenta-nos sua noção de transvaloração dos valores, como uma forma de enaltecer e defender a terra e os homens desses valores que negam a vida. A transvaloração dos valores se apresentará como a inversão dos valores que o cristianismo e toda a tradição enalteceu e defendeu. Nietzsche usa a noção de transvaloração como algo que pretende dar uma nova perspectiva de vida ao homem e, dessa forma, não desvalorizar a terra em nome de um mundo para além desse. O filósofo pretende destruir o lugar onde os valores que até agora foram defendidos floresceram. Dessa forma, os valores que antes foram negados pela tradição vão ser enaltecidos através da transvaloração dos valores. Assim, o homem se coloca de forma ativa no mundo, afirmando os valores que defendem a vida.

2. O SURGIMENTO DOS VALORES MORAIS: A MORAL NOBRE

Nietzsche considera o bom e o mau valores humanos; neste sentido faz uma análise desses valores para ver se os mesmos produzem o crescimento ou a degeneração do ser humano. Dessa forma, pretende analisar o valor que a moral possui. Segundo Nietzsche, o filósofo Schopenhauer divinizou os valores da compaixão, assim, negou a vida. Aonde os valores da moral da compaixão se alastravam a humanidade vai adoecendo. A valorização da compaixão era algo novo; a maioria dos pensadores da época concordava em não dar grande valor a ela.

Tratava-se, em especial, do valor do “não - egoísmo”, dos instintos de compaixão, abnegação, sacrifício, que precisamente Schopenhauer havia dourado, divinizado, idealizado, por tão longo tempo que afinal eles lhe ficaram como “ valores em si”,

com os quais ele disse não a vida e a si mesmo (NIETZSCHE, 2009, p.11).

Para Nietzsche a moral schopenhauriana nega a vida e os impulsos naturais do ser humano. No que se refere aos valores, qualquer maneira de resolver o problema da vida, fazendo uso de um pensamento pessimista, acarreta uma negação da vida. Por sua vez, Nietzsche quer afirmá-la. Certo é que o filósofo tinha grande admiração pela filosofia de Schopenhauer, por quanto ela negara as credences tradicionais do pensamento metafísico dogmático; mas supervalorizar a piedade seria algo muito perigoso para a humanidade; ela seria contrária à vida, podendo dar origem ao niilismo.

Para Nietzsche há uma necessidade de uma crítica dos valores morais; O valor dos valores morais precisa ser questionado. Precisamos saber como esses valores nasceram, e qual o percurso por eles tomados e no que eles se transformaram. Dessa maneira, a moral é analisada nos dois pontos de vista, ou seja, como algo bom, porém, também como algo ruim. O filósofo questiona se o que até agora foi considerado como algo que conduziu o homem ao progresso não seria exatamente o que o levou ao fracasso.

Ao criticar de forma contundente os valores que norteiam nossa conduta, quer mostrar que, ao contrário do que supomos, o bem nem sempre contribui para o prosperar da humanidade, nem o mal para sua degeneração. (MARTON, 2010, p. 54).

Nesse seu estudo sobre a origem dos valores morais, Nietzsche encontra um princípio que deu origem aos mesmos: o princípio eterno, imutável. Mas, para o filósofo, os valores podem mudar e dar lugar a outros valores. Se a moral nunca foi analisada dessa forma, os valores foram sempre tomados como valores que não mudavam.

Se nunca se colocou em causa o valor dos valores “bem” e “mal”, se nunca se hesitou em atribuir ao homem “bom” um valor superior ao do homem “ mau”, é por que se consideraram os valores essenciais, imutáveis, eternos. (MARTON, 2010, p. 54).

Os valores estão sujeitos às mudanças e, assim, podem ser substituídos por outros. Vejamos como as coisas se comportavam em relação a aristocracia dos antigos e

como esses valores mudaram na visão de mundo dos judeus e, sobretudo, dos cristãos: “ A transformação por que então passaram os valores morais foi fruto do ressentimento dos homens fracos” (MARTON, 2010, p. 59). Na aristocracia antiga aqueles que detinham o poder designaram a eles e as suas ações como boas; ao contrário, aquilo que era fraco era considerado ruim.

Foram os” bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu. (NIETZSCHE, 2009, p. 16-17).

Na aristocracia, as coisas relacionadas aos valores se comportavam assim: O bom era relacionado à riqueza, ao poder e o mau relacionado à pobreza, à fraqueza. O bem encontrava-se no poder exercido por alguns sobre aqueles de uma casta mais baixa. Dessa forma, o bom e o ruim surgiram da vontade de uma classe dominante sobre uma classe mais pobre.

O *pathos* da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em relação com uma estirpe baixa, com um “sol”- eis a origem da oposição” bom” e “ruim. (NIETZSCHE, 2009, p. 17).

Para Nietzsche a própria linguagem utilizada pelos senhores era uma forma deles tomarem posse das coisas. Ao analisar as línguas, o filósofo vê que nelas o valor bom é atribuído à classe aristocrática, à classe nobre , ao contrário, o ruim é atribuído a uma classe baixa. As palavras nessas línguas acabam por demonstrar uma superioridade de uma classe sobre outra que é considerada inferior. Segundo Nietzsche, as línguas demonstram que o “bom” está ligado a um sentido de poder, ou seja, a aristocracia seria considerada boa e, ao contrário, o plebeu seria considerado ruim. Um exemplo disso é a palavra alemã *schlecht* que significa ruim e que é igual a palavra *schlicht* que significa simples.

As formas iniciais de linguagem moral disponíveis para nós mostram que “bom” e “mau”, na verdade, denotam associações hierárquicas de superioridade e inferioridade. Ele cita o exemplo da palavra alemã *schlecht* (mau) que originalmente carregava conotações de comum e simples, em contraste com qualidades nobres. (HATAB, 2010, p. 53).

Devido esses termos estarem relacionados ao que há de ruim, foi permitido que o homem nobre se sentisse superior. Para Nietzsche essa bondade está presente na palavra grega *sthlōs* e que era associada à verdade. De início a aristocracia utilizava a palavra bom como uma palavra que designa poder, ou seja, que designava eles como os mais poderosos. Depois os nobres gregos utilizaram essa palavra como sinônimo de verdade e designava a eles mesmos como os verdadeiros, diferenciando-se do “plebeu” que seriam os mentirosos.

Na Grécia antiga dos tempos homéricos, a aristocracia guerreira concebeu espontaneamente o princípio de “bom”, que atribuiu a si mesma; só depois criou a ideia de “ruim”, como “uma pálida imagem-contraste”, para designar os que não pertenciam a casta, os que não eram dignos de serem inimigos. Com o judaísmo e o cristianismo, os sacerdotes converteram a preeminência política em preeminência espiritual. Enquanto valor aristocrático, “bom” se identificava a nobre, belo, feliz; tornando-se valor religioso, passou a equivaler, a pobre, miserável, impotente, sofredor, piedoso, necessitado, enfermo. (MARTON, 2010, p. 54).

3. A MORAL DO RESENTIDO

Os sacerdotes, no início, faziam parte da classe nobre. De início a religião estava presente nas culturas aristocráticas. Na classe dominante haviam os guerreiros e os sacerdotes. Os sacerdotes mediavam a vida dos humanos com os âmbitos espirituais. Assim o sacerdote era aquilo que irá se revelar na moral escrava. Os guerreiros davam maior valor ao campo da ação e a uma vida que se apresentava mais forte. Mas com o passar do tempo as coisas mudaram. Nietzsche mostra que a classe dos sacerdotes entrou em conflito com a dos guerreiros, pois, seus anseios eram diferentes. Os guerreiros aristocratas valorizavam o poder físico, o que contribuiu muito para o exercício da guerra; os sacerdotes valorizavam a simplicidade como algo que os colocavam em vantagem sobre os guerreiros. Para Nietzsche, os sacerdotes são os inimigos mais perigosos, justamente por que eram os mais impotentes. Segundo Nietzsche, os judeus praticaram uma vingança espiritual contra os poderosos e, isso inverteu os valores. Logo, o valor do que era bom foi invertido e o bem passou a ser determinado de acordo com a vontade dos que não possuem poder.

Nada do que na terra se fez contra “os nobres”, “poderosos”, “os senhores”, “os donos do poder”, é remotamente comparável ao que *os judeus* contra eles fizeram; os judeus, aquele povo de sacerdotes que soube desferrar-se de seus inimigos e conquistadores apenas através de uma radical tresvaloração dos valores deles, ou seja, por um ato *da mais espiritual vingança*. (NIETZSCHE, 2009, p. 23).

Segundo Nietzsche a revolta dos escravos na moral teve início com o judaísmo. Logo, a vingança dos judeus abriu espaço para o cristianismo. Para Nietzsche o *novo amor* surgiu do ódio judeu, tendo esse os mesmos objetivos que o ódio judeu. Para Nietzsche Jesus criou uma nova forma de amor que aparentemente renunciava a vingança, porém, no fundo esse *novo amor* iria concretizar a vingança dos judeus. Segundo Hatab (2010, p. 56): “O paradoxo de “Deus na cruz” - o autossacrifício de Jesus, uma morte cruel como promessa de salvação para os fracos - foi a forma mais sedutora de subversão dos valores nobres, precisamente por que cristalizava o poder e a glória intrínsecos a uma autorrenúncia voluntária ao poder mundano.”

Sendo assim os valores cristãos, ou seja, dos fracos obtiveram êxito sobre os valores dos nobres na Europa. Logo, a rebelião escrava é dada, ou seja, realizada através do ressentimento. Esse ressentimento cria os valores e, assim, permite uma vingança dos mais fracos, uma vingança realizada de maneira imaginária. Dessa maneira, a moral escrava precisa do seu oposto para triunfar; de modo contrário, a moral nobre usa o que é contraposto a si apenas como uma forma de se autoafirmar. Segundo, Wotling (2011, p. 52): “O ressentimento é um afeto, mais precisamente, uma forma de ódio contido, caracterizado pela impotência e que se exprime como vontade de vingança, com a especificidade, contudo, de não se traduzir por uma luta frontal, mas pela busca de uma compensação imaginária.”.

Para Nietzsche na moral do nobre, o conceito bom é relacionado aquilo que dá a sensação de poder sobre os escravos que são considerados mais fracos. Para o nobre, tudo que é sinal de fraqueza se considera como coisa ruim. Na moral do nobre é necessário o escravo para que assim seja vista a “bondade” e a superioridade do nobre. O bom para o nobre é aquilo que pode lhe proporcionar a sensação de realização e o mau é apenas o oposto do bom. Logo, na moral do nobre o que é considerado mau é visto como o bom para o escravo e, por outro lado, o bom para o nobre é mal para o

escravo. Pelo fato do escravo se encontrar submisso ao nobre, ele não pode se vingar do mesmo a não ser de uma maneira imaginária. Na moral escrava tudo aquilo que demonstre sentimento de poder é considerado como mal, de uma maneira diferente, na moral do nobre o sentimento de poder é o que fornece e o que designa o bom. Logo, tudo aquilo que refere-se a passividade é bom para os escravos ; mas isso é, exatamente, o que incomoda o nobre.

A moral do escravo passa a inverter os valores e negar a moral do nobre e exaltar a sua moral. Logo, os valores de fraqueza passam a ser bem-vistos e assim os valores do nobre a serem negados. Dessa maneira, os que são fortes passam a ficarem incapacitados. Logo, os escravos se aperfeiçoam, por meio de uma reação, tornando dessa maneira, os fortes incapacitados. Segundo Nietzsche, o nobre demonstra uma vontade de poder ativa e o escravo uma reativa. Não podendo agir contra o nobre, o escravo reage e tenta, assim, destruir os valores da moral do nobre.

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtém reparação. Enquanto toda a moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “ não-eu”-e *este* não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores-este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si-é algo próprio do ressentimento. A moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior para poder agir em absoluto- sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, 2009, p. 26).

Na moral do nobre o conceito ruim é algo secundário, ou seja, primeiro se tem a noção do bom. Para a moral do escravo o conceito do mau é o que origina essa moral. Segundo Nietzsche, na moral do ressentimento quem é considerado mau é o que é considerado bom na moral nobre. Para Nietzsche a moral escrava vê o que é contrário a ela com ressentimento, com ódio, ou seja, são contrários ao que é diferente.

[...] perguntemo-nos *quem* é propriamente” mau” no sentido da moral do ressentido. A resposta, com todo rigor: *precisamente* o “ bom” da outra moral, o nobre, o poderoso, o dominador, apenas pintado de outra cor, interpretado e visto de outro modo pelo olho de veneno do ressentimento Aqui jamais negariamos o seguinte: quem conhece aqueles “bons” apenas como inimigos, não conheceria senão *inimigos maus* ; e os mesmos homens tão severamente contidos pelo costume, o respeito, os

usos, a gratidão, mais ainda pela vigilância mútua, pelo ciúme *inter pares* [entre iguais], que por outro lado se mostram tão pródigos em consideração, auto controle, delicadeza, lealdade, orgulho e amizade, nas realações entre si-para fora, ali onde começa o que é estranho, o *estrangeiro*, eles não são melhores que animais de rapina deixados á solta. (NIETZSCHE,2009,p. 29).

Nietzsche nega os valores que são socialmente enaltecidos, que são defendidos como valores que contribuem para a humanidade de forma positiva. Para Nietzsche esses valores são negativos. Esses valores são criados a partir da fraqueza e do ressentimento contra os valores superiores. Nietzsche vê a continuidade da atividade escrava como um instinto de rebanho e que se mantém no poder através do conformismo. Sendo assim os seres humanos mais fracos são protegidos. Dessa forma, uma maneira de pensamento igualitário também visa ao poder e ao controle, assim como a aristocracia. Nietzsche vê que quando o homem se torna domesticado, pode surgir o que o mesmo chama de maior perigo, ou seja, o surgimento do niilismo. Nietzsche teme então, que tudo aquilo que afirma e enalteça a vida acabe de vez, ao ponto que a humanidade passe a viver conforme os valores da moral escrava e se torne mais conformada. Assim Nietzsche, teme o niilismo, teme que a humanidade não usufrua mais do devir da vida, das mudanças que dão sentido à mesma.

Nietzsche procura uma última esperança no homem, algo que possa fazer com que ainda se acredite no mesmo, algo que possa ser temido nele, algo que possa deter o niilismo. Porém, a Europa caminha para o niilismo.

Mas de quando em quando me concedam - supondo que existam protetoras celestes, além do bem e do mal - uma visão, conceda-me apenas *uma* visão, de algo perfeito, inteiramente logrado, feliz, potente, triunfante, no qual ainda haja a que temer! De um homem que justifique o homem, de um ocaso feliz do homem, complementar e redentor, em virtude do qual possamos manter *a fé no homem!*... Pois assim é: o apequenamento e o nivelamento do homem europeu encerra nosso grande perigo, pois *esta* visão cansa... Hoje nada vemos que queira torna-se maior, pressentimos que tudo desce, descende, torna-se mais ralo, mais plácido, prudente, mando, indiferente, medíocre ,chinês, cristão - não há dúvida, o homem se torna cada vez “melhor”... E precisamente nisso está o destino fatal da Europa - junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência por ele, a esperança em torno dele, e mesmo a vontade de que exista ele. A visão do homem agora cansa - o que é hoje o niilismo, se não

isto?... Estamos cansados do homem... (NIETZSCHE, 2009,p. 32).

O filósofo faz uso de um exemplo, do das aves de rapina comendo cordeiros para assim mostrar a diferença da bondade na moral do mestre e do escravo. Assim Nietzsche diz que a ave de rapina não pode ser culpada de usar sua força, pois isso é algo próprio dela, a ave de rapina não se comporta de outra maneira. Para o cordeiro ressentido a ave poderia evitar de agir. Porém, para Nietzsche o agir é anterior ao agente. Esse agir não pode ser causado por um agente.

Pois assim como o povo distingue o corisco do clarão, tomando este como *ação*, operação de um sujeito com o nome corisco, do mesmo modo a moral do povo discrimina entre a força e as expressões da força, como se por trás do forte houvesse um substrato indiferente que *fosse livre* para expressar ou não a força. Mas não existe” ser” por trás do fazer, do atuar, do devir.” o agente” é uma ficção acrescentada á ação - a ação é tudo. (NIETZSCHE, 2009, p. 33).

Desta forma, o ódio e a vingança se utilizam da crença de que o forte pode chegar a se tornar fraco por possuir liberdade para isso. Sendo assim as aves de rapina também podem se tornar cordeiros. Dessa maneira, também responsabilizam as aves de rapina por serem aquilo que são. O cordeiro usa os conceitos de liberdade e responsabilidade como uma forma de justificar sua fraqueza. Logo, o forte passa a ser visto como um ser que tem a liberdade de não utilizar sua força. Por sua vez, a fraqueza passa a ser vista como algo que foi escolhido e, dessa forma, como algo venerado. Para Nietzsche o homem fraco utilizou-se desse conceito de sujeito que possui a liberdade de usar o poder para assim julgar os fortes e valorizar os fracos. Segundo Nietzsche, a fraqueza dos fracos é transformada em virtude através da moral escrava e essa fraqueza deve ser digna de admiração. Logo, todos os valores de fraqueza são transformados em algo que deve ser admirado. Por se encontrar numa posição de subordinação de maneira externa ao nobre, essa moral escrava julga internamente os valores do nobre como valores que se apresentam inferiores as virtudes dos escravos.

A impotência agora se torna uma medida primária de” bondade”, a timidez é agora a virtude da “ submissão”, submissão ao forte é agora “ obediência”, covardia é agora paciência, e uma incapacidade de vingança real é agora “ perdão” e amor ao inimigo. (HATAB, 2010, p. 77).

Segundo Nietzsche, os escravos veem a vida na terra como uma forma de se preparar para uma vida melhor, para a chamada bem-aventurança. Sendo assim na moral cristã o escravo vive acreditando que será recompensado. A moral escrava pretende ter poder e se vingar do nobre. Porém, essa vingança não pode ser dada na vida terrena. Dessa forma, os ressentidos pretendem se vingar do nobre. Os fracos então, vivem a espera de um dia chegarem ao paraíso e que os fortes então, sejam punidos. Segundo Nietzsche o homem do ressentimento por se apresentar impotente, espera uma ocasião na qual pode se vingar dos fortes. Para o filósofo a moral escrava se deu melhor nesse conflito. Essa moral converteu a Roma pagã na religião cristã.

4. A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

Segundo Nietzsche a época na qual ele vive deve ser analisada, para que assim possa ser superada. Observa que através do pensamento de Sócrates o homem trágico grego foi trocado pelo homem teórico. No ocidente, por sua vez, o homem pagão foi trocado por um tipo diferente de homem. Por meio do cristianismo houve uma negação do mundo.

A degenerescência da filosofia aparece claramente com Sócrates. Se definirmos a metafísica pela distinção de dois mundos, pela oposição da essência e da aparência, do verdadeiro e do falso, do inteligível e do sensível, é preciso dizer que Sócrates inventou a metafísica: ele faz da vida qualquer coisa que deve ser julgada, medida, limitada, e do pensamento, uma medida, um limite, que exerce em nome de valores superiores - o Divino, o Verdadeiro, o Belo, o Bem... (DELEUZE, 1965, p. 20).

Nietzsche almeja efetuar uma transvaloração dos valores, invertendo assim os valores defendidos pelo cristianismo. Dessa forma, pretende derrubar os ídolos que até o momento foram adorados. O cristianismo usou o pensamento metafísico da criação de dois mundos para negar, assim, este mundo em nome de outro.

A transvaloração dos valores ocorre quando a afirmação acontece na vontade de poder. No niilismo, a negação à vida se apresenta superior à afirmação. Só quando o niilismo é derrotado, é que se torna possível a transvaloração. De tal maneira, a terra e a vida passam a serem afirmadas através da transvaloração. Enquanto no niilismo o devir

e o múltiplo acabam sendo negados, na transvaloração o devir e o múltiplo são utilizados para se chegar a afirmação. Na transvaloração dos valores se abre a possibilidade do para além do homem. Com o surgimento do para além do homem, é trazido para ele mesmo àquilo que é sua afirmação.

Nietzsche pretende mostrar a solução para o problema dos valores. Ele vai mostrar a hierarquia dos valores. Dessa forma, o filósofo utilizando-se da sua transvaloração dos valores inverte o valor que o cristianismo deu a vida humana. De tal maneira, o filósofo pretende inaugurar a era da transvaloração dos valores. Na transvaloração dos valores, os ídolos que até agora foram reverenciados pela tradição serão transformados. Nessa era da transvaloração dos valores, os valores que até o momento a humanidade negou passarão a se tornarem valores dignos de serem enaltecidos. Dessa forma, o mundo será visto como ele é. Com a crítica ao cristianismo e a inversão do sentido que o mesmo deu a existência do homem, o filósofo vai então subverter os valores da religião cristã e realizar a transvaloração dos valores.

Inimigo implacável do cristianismo, Nietzsche nele encontrará um adversário que julga à sua altura. Conta inverter o sentido que ele procurou dar à existência humana; espera subvertê-lo. E, para inaugurar esta nova era, tem de realizar a transvaloração de todos os valores. (MARTON, 2010, p. 57).

Nietzsche propõe com sua transvaloração dos valores, uma oposição aos valores até agora considerados superiores e, mais do que isso, a negação desses. Nietzsche propõe então, criar novos valores que valorizem a vida e que sejam ao mesmo tempo novas possibilidades de vida. O filósofo propõe uma inversão da hierarquia dos valores niilistas e uma saída, ou seja, uma escapatória aos valores niilistas que até então, prevaleceram na sociedade.

Se a crítica diz respeito a todos os valores prevalentes, uma das saídas que justamente se ofereciam a Nietzsche era inverter a hierarquia de valores instaurada pelo niilismo como modo de escapar da desvalorização que ele representa. (MACHADO, 1999, p. 87).

Através da transvaloração dos valores, vai ser possível a afirmação dos valores que foram até então subordinados e a negação daqueles que foram enaltecidos na filosofia. Porém, o lugar no qual os valores que foram vistos como valores dominantes

na sociedade deve ser destruído, pois, esse lugar foi construído pela moral. Com a transvaloração dos valores, vai ter uma mudança no princípio de avaliação, e, assim, vai acontecer um triunfo da vontade de poder afirmativa sobre os valores decorrentes do niilismo.

E o que significa o projeto de transvaloração de todos os valores? Significa a mudança do princípio de avaliação e, por conseguinte, a vitória da vontade afirmativa de potência, da superabundância de vida, sobre os valores dominantes do niilismo. (MACHADO, 1999, p. 89)

Para Nietzsche nossas ações devem valorizar a vida e a terra. Essa vida deve ser valorizada ao invés, de se valorizar uma vida eterna. Portanto, o homem tem que mudar os valores. Ele deve se colocar no lugar dos valores que antes se consideravam supremos. De tal forma, os homens devem se colocar de forma ativa diante da vida e assim, o mesmo terá sua importância que antes não teve por causa da moral escrava. Através da transvaloração dos valores existirá uma nova forma de moral que irá negar a moral tradicional. A transvaloração dará um novo significado às ações humanas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de uma análise dos valores morais, conclui-se que a moral nobre que surgiu na Grécia antiga foi vencida pela moral do ressentido e essa moral do ressentido é fruto da valorização dos valores de fraqueza e baixeza. Por meio do ressentimento dos mais fracos a vontade de negar acabou vencendo os valores que defendiam a força e a vitalidade e, dessa maneira, o niilismo triunfou. Nietzsche mostra então, que os valores até agora cultuados foram criações humanas e que não condizem com a realidade. Segundo o filósofo, quando os valores dos fracos se mantêm vivos na sociedade há uma continuidade do instinto de rebanho e isso conduz a humanidade ao niilismo. O filósofo dedicou seu tempo a buscar uma alternativa que pudesse evitar esse niilismo. O cristianismo negou esse mundo em nome de outro e, assim, os valores dos fracos acabam levando a melhor. Até o momento, a vontade de se vingar dos escravos e a esperança de uma vida melhor no paraíso venceu a vida ativa e os valores que enaltecem a vida como ela é. Nietzsche utilizando sua noção de transvaloração dos valores vê uma forma de superar os valores de fraqueza defendidos pelo cristianismo.

Através da transvaloração Nietzsche pretende enaltecer a terra e o homem. Quando é efetuada a transvaloração dos valores o niilismo é vencido. Dessa forma, o filósofo vai negar os valores do cristianismo e defender os valores que enaltecem a vida e até agora foram negados. Nietzsche vê na sua transvaloração uma maneira de livrar o homem dos valores niilistas e proporcionar ao mesmo uma maneira de vida que afirme esta vida. Muito além de mudar os valores, Nietzsche destrói o solo que os valores do niilismo foram construídos. Para Nietzsche através da transvaloração dos valores o homem vai dar maior importância a ele e à terra.

ABSTRACT

This work had as a source of inspiration to work the *moral of the Genealogy* Nietzsche, we intend to show how came the moral values and how those values, defending the strength and vitality, were reversed through Christianity and thus , began to dominate the weak values. The work also shows the solution that the philosopher has to overcome these values that extol weakness. With the use of revaluation notion of values show that you can overcome the values that devalue life. The philosopher aims to enhance the life and himself, surpassing thus the tendency to nihilism.

Keywords: Noble Moral, Resentment, Overrun.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HATAB, L. **A genealogia da Moral de Nietzsche: Uma introdução**. Tradução de Nancy Juozapavicius, São Paulo: Madras, 2010.

DELEUZE, G. **Nietzsche**. Tradução de Alberto Campos, Lisboa: Edições 70, 1965.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Ruth Joffily dias e Edmundo Frenandes Dias, Rio de Janeiro: Rio, 1976.

MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIACOIA, O. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000.

MARTON, S. **Uma ética nietzschiana**. São Paulo: Cult, p. 54-57, 2010. Disponível em : <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/08/uma-etica-nietzschiana/>

MARTON, S. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

WOTLING, P. **Vocabulário de Nietzsche**. Tradução de Cláudia Berliner, São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.